

PIVA  
CAMILA

contos micro

CAMILA  
PIVA

micro  
contos

CAMILA

PIVA

micro

contos

PIVA CAMILA

contos  
micro

## **Nota da autora**

Comecei a escrever microcontos como um exercício de criatividade e técnica narrativa. Em pouco tempo, o que era só um objeto de estudo virou um vício. Os microcontos começaram a pular dentro da minha cabeça acostumada com longas histórias. Eles me mostraram que em poucas palavras é possível, e divertido, criar situações, contar causos, fazer críticas sociais e políticas e transmitir conceitos.

Não espere uma ligação entre esses microcontos, um fio narrativo ou um tema central. Não há neles qualquer regra antológica.

Camila Piva.

## **Capa e diagramação:**

George Amaral

## **Revisão:**

Marina jakovacz

“Palavras formam frases, frases formam parágrafos e, às vezes, parágrafos acordam e começam a respirar.”

– Stephen King

Você poderá passar 1 hora conversando com qualquer pessoa da Terra, viva ou morta, que desejar – disse o anjo. O homem não titubeou, mais que depressa, respondeu: Jesus Cristo. Foram os sessenta minutos mais longos de sua vida. Ele não sabia falar aramaico.

As crianças são como deuses, elas concedem almas aos seus brinquedos. Você lembra de como era? Com o tempo, bonecas, bonecos, carrinhos e ursinhos perdem a vida. Fico imaginando para onde as almas foram.

Gostava de observar as nuvens e tentar encontrar o formato de coisas, animais e pessoas nelas. Quando observava as pessoas, os animais e as coisas, tentava encontrar o formato de nuvens. Esse exercício era mais difícil.

Diziam que no hotel havia uma biblioteca noturna. Sempre sonhei em encontrá-la. Nas madrugadas, procurava com esperança. Certa vez fui surpreendida pelo velho zelador, conversamos durante toda a noite. Agora me dei conta! Finalmente encontrei a biblioteca noturna.

Um dia sonhei que pesava, numa balança, as coisas que me aconteceram no dia. Uma discussão, uma fechada no trânsito, um reencontro, o óculos que quebrou, a conversa gostosa com um amigo... tudo isso virava uma espécie de foto, uma imagem congelada que eu precisava levar até uma balança. Curiosamente, as cenas que mais lastimei durante o dia pareciam pesadas, carregava-as com dificuldade, porém, quando colocadas na balança, pesavam como uma pena. O contrário também acontecia com as cenas positivas, pareciam plumas em minhas mãos, mas tinham um peso enorme na balança. Acordei e formulei uma frase com toda aquela experiência onírica: dê às coisas o peso que elas têm.

Ela pedia desculpa para todo mundo. Para os amigos, caso falasse alguma “besteira”, para a família, caso “os desapontasse”. Morria de medo de ser mal interpretada. Entregava um trabalho para o chefe e dizia na sequência: desculpe, caso ache que ainda não esteja bom o suficiente.

Frequentemente, pedia desculpas por coisas que não tinha a menor culpa.

De tanto se desculpar, deixou de ocupar a si mesma.

Os tolos não prestavam atenção na natureza e por isso não se preparavam para o inverno. Mantinham abertos os buracos das paredes de suas casas, não estocavam alimentos e zombavam dos sábios. Quando o inverno chegava no ápice, os tolos mostravam a pior face de sua sombra. Saqueavam, agrediam e desesperavam-se. Achavam que o inverno nunca iria acabar. Esqueciam que a natureza é cíclica.

Prepare-se para o inverno.

Começaram a esquecer. Primeiro, esqueceram itens da lista de compras. Depois, os nomes das coisas. Não demorou muito e esqueceram para o que serviam essas tais coisas. Por fim, esqueceram-se de seus próprios nomes e de quem eram — nesta ausência de rótulos agora, finalmente, poderiam ser o que quisessem.

Primeiro, ela era a filha do Seu Pedro e da Dona Rosa. Casou-se, e era a esposa do Marcinho. Em pouco tempo, era a mãe de Felipe. Num piscar de olhos, se tornou a avó da Babi e do Pedrinho. Sua identidade era socialmente construída. Por quem? Ela não sabia dizer. Mas precisava descobrir quem era ela. Aos poucos, foi trocando o ser avó, esposa e filha, pelo estar. Revelou-se. Gostou do que viu, de quem ela realmente era, e não de quem estava.

Ela sonhou que era uma princesa. Todo dia um penteado diferente, um vestido bufante e um evento importante para comparecer. Tinha maquiadoras, cozinheiras, lacaios e cocheiros. Acordou aliviadíssima.

Deixaram a tampa do bueiro aberta. De lá saíram ratazanas, baratas, vermes e toda espécie de bicho escroto que vive de escuridão e dejetos. A quantidade era tanta que logo pareceu coisa comum. O que era asqueroso ganhou nome, casinha, roupinha e coleira.

Quando fazia birra no cercadinho, toda realza sorria para o filho do rei: “guti guti bebê”. Era tão bonitinho. Cresceu apegado a essa sensação, mas não percebeu que o cercadinho agora era o palco político. Em sua ingenuidade, o reizinho não sabia diferenciar sorriso de riso.



Naquela cidade não havia escribas, por isso, nenhum aprendizado era transferido para outras gerações. Eles viviam um eterno presente, sempre repetindo os erros do passado, e, por conta disso, não tiveram futuro.

O besta queria ser A Besta, mas era muito besta.

Ele queria ser vampiro, a morte lhe causava pânico. Ficou imaginando como seria se não morresse: os anos passando, gerações nascendo e partindo, os mesmos dramas, os mesmos erros, o mundo sucumbindo. Seus olhos fitaram o infinito. “A eternidade é tão assustadora quanto a morte”.

— Tinha uma parede azul. A porta ficava trancada e eu não consigo abrir. Sempre é desesperador.

Alice estava no divã. O sonho recorrente lhe dava medo. Ela virou-se para ver o rosto da terapeuta, deu de cara com uma parede azul, e uma porta que não abria.

Não sabia cultivar amizades, nunca viveu um romance, não era boa em contas, nem em textos, não sabia desenhar, tocar e nem jogar bola. Nada chamava sua atenção. “Não sei o que fazer aqui”, pensou. Neste exato momento, um portal abriu. Ela pertencia a outro mundo.

Ele não foi domesticado. Por isso, não se sabia gato. Na floresta, voava, ciscava, falava e nadava. Um dia, um garoto o encontrou e disse:

— Que bonito gatinho você é!

Pluft! Repentinamente deixou de falar, teve medo da água, não voava mais. Miou e seguiu o garoto.

— Dizem que tem um monstro aí dentro —  
alertou o garoto.

Ane correu pra casa com a caixinha nas  
mãos. Curiosa, abriu: estava vazia.  
“Mentiroso”, pensou.

Enquanto fechava a caixa, tudo ia ficando  
escuro, até que o breu tomou conta de tudo.

— O que está acontecendo? Onde estou?

Ela leu a placa “atalho”, lembrou-se de um  
conto quando era criança. Ele dizia que  
atalhos são perigosos. Mas ela era corajosa,  
decidiu que iria arriscar.

Chegou primeiro que todo mundo.

As coisas que não tinham nome pareciam  
pertencer a lugar nenhum. Quando se deu  
conta, começou a nomear os gatos e cães de  
rua. Nomeou também seus sentimentos.  
Hoje ela pertencia a algum lugar, um lugar  
próprio.

Tinha aquele jeito estranho de adolescente que ainda não conseguiu acomodar-se no novo corpo, tinha uma dificuldade enorme de falar com garotas. Pior de tudo: estava apaixonado por uma amiga.

Um dia, prometeu para sua imagem refletida no espelho que iria resolver a situação.

“Eu quero ficar com você”, disse, finalmente. Ela nada respondeu. Sorriu e deu de ombros. Ele ficou arrasado, tomara o maior fora de sua vida. Chorou por algum tempo, mas estranhamente aquilo o libertou, agora estava pronto.

— Eu vou socar a sua cara — disse o homem vestido de unicórnio para o garçom numa festa infantil. E foi o que ele fez. A aniversariante teve sua primeira epifania ali, no seu aniversário de 7 anos. Nascia uma artista surrealista.

Ele se aproximou das pessoas na beira do rio e, mostrando o pequeno peixe na garrafa, disse:

— É um peixe mágico.

As pessoas riram, mas o homem permanecia sério. Uma menina encantada com a possibilidade aproximou-se e pediu ao homem que lhe desse o peixe mágico. Sorrindo, contagiado pelo olhar esperançoso da criança, o homem lhe presenteou.

Chegando em casa, a garotinha despejou-o no velho aquário. Os dias passavam e nada estranho acontecia. Ela fez pedidos ao peixe, o jogou para alto para ver se ele voava, também o mediu para ver se ele mudava de tamanho. Nada.

Um dia, trocando de canais na TV, ela viu o show de um mágico e teve uma ideia! Fez uma pequena cartola de tecido para seu peixe e a deixou boiando no aquário. Foi dormir. No outro dia algo surpreendente acontecera. O peixe não estava mais sozinho, agora ele tinha a companhia de um simpático coelho branco. “Eu sabia!”, comemorou a garotinha.

— Tem um portal dimensional bem ali. — A garota apontou para a cachoeira: — Mas é muito pequeno, só gnomos conseguem passar.

Ele era fascinado por ela, perguntou:  
— E tem algum que a gente consiga acessar?

Ela aproximou-se do menino e o beijou. Ele sentiu cada molécula do corpo experimentando a loucura da paixão. Se entregou, ultrapassou, e nunca mais foi o mesmo.

Cansado da vida no vilarejo, o velho decidiu passar um tempo meditando nas montanhas. Queria alcançar a iluminação, e alcançou. Quando retornou, falava coisas que ninguém compreendia, por causa disto o internaram no manicômio.

Esse conto de horror, um caso assombroso, era contado por minha mãe, juntamente com outros — que ainda pretendo transcrever — nas noites de finados.

O ano era 1937 e Anita, uma jovem moradora do interior de Minas Gerais, estava muito triste em um baile de sua cidade. Nenhum garoto a tirava para dançar. Em breve sua música preferida iria ser tocada e ela não poderia dançar sozinha. Era uma música lenta, para dançar a dois.

Discretamente flertou com um rapaz, um dos últimos que ainda estava sem par, mas ele logo convidou sua melhor amiga. Cansada de ser ignorada, verbalizou, olhando para um espelho que decorava as paredes do salão: “dançaria até mesmo com uma besta”.

Passados alguns minutos, sua canção favorita foi anunciada:

— E agora embalem sua dança ao som de Rosa, tu és divina e graciosa! — disse o apresentador do baile.

Anita, cabisbaixa, decidiu ir embora. Quando deu meia volta, sentiu uma mão a

tocando na cintura. Virou-se e deu de cara com um lindo rapaz, alguém que ela nunca havia visto na cidade.

— Me concede esta dança? — pediu o rapaz de olhos penetrantes.

Anita, hipnotizada pela beleza do moço, dançou com ele.

Ela usava um lindo vestido azul florido e ele, uma camisa branca, calça preta, chapéu e capa. Seu perfume era de Almíscar.

Todas as garotas do baile olhavam para o casal, ninguém conhecia o belo rapaz. Anita dançou com ele a música anunciada e as outras três que tocaram a seguir. Ao final da terceira música lenta, o rapaz disse que tinha que ir embora. Neste instante, o apresentador do baile anunciou no microfone que agora iniciaria uma seleção de músicas swing. Anita pediu:

— Dance comigo, só mais essa, por favor!

O lindo rapaz de chapéu disse que não era muito habilidoso naqueles passos, mas concedeu a ela sua companhia por mais alguns minutos.

Desajeitado, ele tentava acompanhar.



Em um determinado momento, quando tinha que a girar, ele se atrapalhou e pisou com força no pé da coitadinha. Ela sentiu muita dor, alguns dedos haviam se quebrado.

Instantaneamente, Anita olhou para os pés do rapaz, e, para sua surpresa, pôde perceber que ele não tinha pés – ele tinha patas, patas de bode.

Assustada, a garota levou as mãos até a boca, não sabia o que fazer. O lindo rapaz então correu para fora do baile e nunca mais foi visto.

“Cuidado com o que deseja”

O homem, era um coronel, e, odiava as ciências humanas. Para ele, tudo aquilo era bobagem. Filosofia não servia para nada, psicologia era alucinação, antropologia era manipulação da verdade e assim por diante. Um dia, sem mais nem menos, teve um ataque de pânico. Achou que era coisa do coração, não era. Os ataques começaram a ficar frequentes. Seu médico recomendou que

procurasse um psicólogo. Mas como ele agora, nessa altura do campeonato, iria se sujeitar a isso? Decidiu que era hora de colocar em prática seus discursos, contratou então, um homem forte, e, todas as vezes que sentia o pânico aproximar-se, pedia que o brutamontes lhe desse uma surra. Foi assim até morrer.

Todos os dias, quando Aline penteava seus cabelos na frente do espelho, pensava sobre a outra Aline – a que via refletida. Será que teve um bom dia? O que comera? Com quem havia se encontrado? Querendo compartilhar de suas leituras favoritas, e receosa que a menina refletida não conhecesse seus livros preferidos, começou a ler na frente do espelho. Um dia uma dúvida surgiu em sua cabeça. Era ela quem escolhia os livros? Ou a outra escolhia para ela?

Era vegana, fazia caridade e recolhia os animais de rua. Ao mesmo tempo desejava o mal de quem comia carne, não fazia trabalho social regularmente e comprava filhotes. Só não batia no peito para falar o quanto era boa e justa, pois gostava de passar a imagem de humildade. Seu altruísmo era puro egocentrismo.